In: "Forum Estudante (34)", Setembro, 94.

TL 1648

Por Luís Cardoso de Noronha*

O Petron

Antes disso não me lembro de ter existido. Minha mãe arrumara durante uma semana nas malas de papelão, roupas, velhas fotografias, retratos emoldurados do Cristo ensanguentado e recordações de terras de defuntos e afilhados, colares e diversas bijuterias. A velha casa branca caiada há décadas e ensombrada pela humidade e temporais, encimada por folhas de zinco enferrujadas e carcomidas, assentava-se sózinha junto a um morro, onde uma velha árvore, um embondeiro secular, teimava suster restos de pedras e terras que ainda resistiam às enxorradas tropicais. O vazio da casa efervescia-se com o cheiro da ausência de corpos, de passos, de vida. Minha mãe acelerara o seu andamento meticuloso, fechando repentinamente as portas como se quisesse com o seu apressado abandono, dar lugar aos novos ocupantes, os espíritos dos antepassados, que aguardavam ansiosos nas traseiras do edifício. Ficou ainda na varanda a ouvir inquieta, vozes e resmungões que vinham de dentro de casa e qualquer coisa como o barulho das mobílias arrastadas, portas que se abriam como se alguém lá dentro revistasse todos os armários para que nada dos antigos inquilinos sobrasse. Não ouviu meu pai chamá-la porque a porta entretanto voltara a abrir-se. Minha mãe entrou como se tivesse esquecido duma *mutissala* ou do seu *ulumsukum* de ouro. Reparei então, que pendurado na sala, estava o petromax. Ela tinha-se esquecido de arrumar a mais preciosa prenda que um padre açoreano decidiu oferecer-lhe na altura do casamento. E ambulante de terra em terra, no ofício de enfermeiro, meu pai socorria-se deste precioso objecto para iluminar caminhos, socorrer maternidades e dar à luz os nascimentos. E revoltado apagava o petromax na altura, em que infeliz, não conseguia suster a vida que se escapava a um moribundo, com o sopro da morte. Minha mãe retirou o petromax, embrulhou-o com um tais e pô-lo dentro dum baú de rotang. Depois, pegou-me pelos braços, pôs-me em cima do cavalo e entregou-me o precioso objecto. Deixamos assim a terra de Laclubar, fria, ventosa e assombrada. O percurso até Manatuto foi feito de cavalo e sob uma chuva intensa. Quando mudámos para um velho Chevrolet que nos levaria até Díli, certifiquei-me do estado do precioso objecto espreitando pelas brechas do baú. Retomada a estrada nem só por um minuto deixei por mãos alheias a suprema tarefa de guardador do petromax. Pude vê-lo de novo, inteiro, nas praias de lecidere, quando aguardávamos pelos ventos e correntes marítimas favoráveis para a travessia até à ilha de Ataúro, que nos esperava como uma velha tartaruga que se transformara em terra para se eternizar. Meu pai mirou o petromax, encheu com o petróleo o recipiente de base redonda, deu à bomba para injectar a subida do carburante, regulou a pressão, certificou-se do bom estado da camisa, tirou o seu isqueiro e acendeu-o. Depois... Bom, foi a minha satisfação em ver a praia iluminada. Vi então, à minha frente, um pedaço de tronco escavado que se equilibrava entre dois balanceiros que batiam na água como asas marinhas. Uma casinha feita com folhas de palmeiras erigia-se junto à proa para albergar viandante de pele mais clara. Um mastro erguido no meio da embarcação sustinha uma vela tecida com folhas de palmeira, uma esteira para adormecer o vento. Era o barco que nos levaria até à vila. Depois disso adormeci. Hoje só me lembro de ter acordado pela manhã, na praia de maumeta em Ataúro. Uma ilha quase desértica de pescadores, refugiados de outras ilhas e desterrados. A noite, a ilha escurecia-se e antes dos morcegos invadirem a vila, meu pai acendia o petromax. Como que atraídos por uma nova claridade e enquanto eu me atarefava em redacções e gramática, chegavam eles, os bichos da ilha. Estranhos e estravagantes. Chegavam e sentavam-se no parapeito da janela, miravam o petromax e depois voltavam ao breu da noite, à luz das estrelas. O professor primário, queixou-se ao meu pai do teor das redacções que falavam de estranhos animais e minha mãe defendia-me argumentando que era da falta da primeira comun hão. Não havia padre por perto e o conteúdo da minha escrita avolumava-se com os estranhos visitantes. Até que um dia, o meu pai decidiu que eu deveria acompanhá-lo nas saídas de urgência, carregando então o petromax. Acordava-me a altas horas da noite quando os cães ladravam à chegada de um forasteiro. Dirigíamo-nos para aldeias distantes e remotas. Incumbia-me na tarefa de dar à luz ao petromax enquanto ele tentava arrancar à fecundidade da carne uma criança. Depois, satisfeito, mandava-me iluminar o choro pegajoso e encarniçado de uma nova vida. Outras vezes, enquanto eu dava à luz ao petromax, ele enchia a seringa de penicilina branca para tentar recuperar um velho moribundo que se derretia em caganeiras de morte, para ver talvez a última luz. E, cabisbaixo, fechava-lhe os olhos com as mãos antes de me mandar apagar o petromax para se retirar clandestinamente como um general que foge do campo da morte. Nas aulas, eu adormecia e o meu pai vinha em meu socorro com o argumento de que queria o seu filho como futuro médico e portanto deveria tomar com o começo e o fim da vida dos homens. Que a vida só valia no começo quando tudo se prometia e no fim quando ainda faltava tudo para se cumprir. Outras vezes, à noite, quando

nax

havia maré baixa, acordava-me e levava-me até ao mar. Para ver no silêncio da noite, iluminado pelo petromax, os esconderijos e segredos que o lençol de água cobria. Corais efervesciam de vida, escondiam entre as crateras das suas redondezas peixes luzidios, moluscos pretos adormecidos, polvos viscosos e bivalves abertos mostrando pérolas como damas impudicas. Dizia-me acerca das imprecisões da língua portuguesa enquanto regressávamos a casa, que o mar era feminino e a terra masculina. Coisas que só o petromax poderia clarificar. Um dia recebeu uma comunicação de que deveria regressar para Díli. Cumprido o castigo do desterro deveria atravessar novamente o mar. Minha mãe voltou ao ciclo da sua árdua tarefa de arrumar tudo como dantes. Não se esqueceu do petromax, embrulhou-o com um tais e guardou-o no mesmo baú de outrora. Entregou-mo como da última vez. Na travessia, o barco velho, ainda o mesmo, cedeu pelas rachas e fendas e a água extravasava. O velho SoKão, mágico de mares e travessias, mandou deitar tudo à água. Tentei poupar o petromax fingindo não ouvir as suas recomendações. Minha mãe, no desespero e perante a água que crescia no tronco aberto deitou-o fora. Na escuridão só ouvi o estrondo do impacte nas vagas. Depois abraçou-me e disse-me para me consolar que na cidade já não era preciso o petromax. Apontou-me a estrada marginal da baia de Díli, iluminada pela luz eléctrica, como uma cobra marítima que dançava ao ritmo das vagas. Mas o rosto dela escureceu-se para o resto da vida como se tivesse ido ao fundo do mar e ali enterrado a claridade dos seus olhos. ■

ulum-sukum - adorno de cabelo
mutissala - colar de pérolas

*** Representante do Conselho Nacional da Resistência Maubere - CNRM**

João Mariano